REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL DOS INTERESSES PHYSICOS, INTELLECTUAES, E MORAES.

PROLOGO.

A Revista começa hoje o seu volume sexto. Quer isto dizer, que vai entrar no sexto anno da sua vida jornalistica. E não se pense que para um jornal este espaço, d'uma existencia de seis annos, seja curta vida. Não me recordo agora de nenhum outro que em Portugal tenha durado mais. Ésta duração, eu o espero, hade ainda ser continuada por longos annos; porque a Revista não descansa na diligencia de procurar satisfazer a todas as actuaes indicações do jornalismo.

No volume que acaba de terminar, ninguem poderá desconhecer que a Revista se teve apar do movimento intellectual e industrial das nações mais adiantadas nos progressos sociaes. Na sua parte dos *Conhecimentos-uteis* fallou-se das mais graves questões sociaes que hoje se agitam, deu-se noticia de todas as descobertas que se fizeram, e projectos d'innovações ou reformas, scientificas, industriaes ou economicas, tractaram-se muitos pontos d'organização-nacional, suscitaram-se alguns alvitres de melhoramentos sociaes e materiaes. Ahi ficam os seus numerosos artigos de economia-politica, commercio, agricultura, technologia, medicina, hygiene-pública, sciencias-naturaes etc., para comprovar o que digo. Creio que ninguem negará que n'esta parte a Revista satisfez ao seu programma, e auxiliada pelos conspicuos collaboradores que patrioticamente vieram dar calor e vida á missão d'ella, póde tornar ésta secção do jornal — para os seus apreciadores — a especialidade mais interessante, até agora, do jornalismo portuguez.

Na sua *Parte-litteraria*, apresentou a Revista uma serie d'artigos de bibliographia ou antes critica-litteraria, que nunca decerto foi tam contínua e numerosa em nenhum outro jornal do paiz. As viagens, as biographias, a poesia e o romance, não foram esquecidos. Ainda n'esta secção a Revista se abonou de mui distinctos collaboradores, que em archeologia, historia, romance e poesia teem enriquecido as columnas do jornal com excellentes artigos.

Na parte das *Variedades* não póde a Revista ter tammanho desinvolvimento como nas outras duas. Assim mesmo, acho eu que houve n'esta parte artigos curiosos, e alguns porventura divertidos. O *correio-extrangeiro*, foi sempre variado, as suas noticias escolhidas, e escrupulosamente analysadas para se evitarem mystificações grosseiras que desacreditam os jornaes inganando a credulidade pública. No *correio-nacional*, ajunctou-se a este mesmo escrupulo d'analyse todo o criterio moral possivel, para que as suas noticias nunca fossem de natureza d'excitar susceptibilidades de nenhuma especie. Como os leitores ja terão notado, ambos os correios abundam em dados statisticos, principalmente o nacional, sendo as suas indicações a este respeito sempre colhidas de documentos officiaes, d'onde tem havido o maior cuidado em as extrahir logo que a occasião se offerece.

Ésta revista da Revista era necessaria para que se apreciasse bem o campo que se tem percorrido, e o modo porque o plano do jornal tem sido desempenhado. Os leitores poderão verificar quanto fica dito recorrendo os 48 n.os passados do V volume: nas suas 576 paginas ou 1,152 columnas, poderão elles achar a certeza de que não encareço a conta que dou das materias, nem exagero os gabos dos illustres collaboradores.

A Revista, continuando este mesmo plano, projecta ainda melhoramentos, mormente na sua parte material, que as circumstancias, infelizmente, não permittem por ora realizar. A Redacção contínua tambem a ser a mesma. E a Redacção aproveita agora ésta opportunidade para agradecer, a cada um em particular e a todos em geral, de seus conspicuos e benemeritos collaboradores, o auxilio

efficaz e poderoso com que teem tido a bondade e patriotismo de a animar e sustentar no difficil encargo d'ella, e sem os quaes a Redacção, certissimamente, não poderia jamais — apezar de seus esforços e boa vontade — commetter e seguir a arriscada empresa da direcção de jornal tam vasto e importante, creado por um nome illustre, lido nos mais elevados circulos da sociedade, costumado a ser bem conceituado e bemquisto por muitos milhares d'assignantes e leitores em toda a parte onde se falla a lingua portugueza.

Cumprirá dizer, tambem, alguma coisa sôbre os artigos suspensos ou continuados do V volume. Nenhum d'estes artigos pertence á parte dos *Conhecimentos-uteis*, a não ser a sequencia das 'Cogitações sôltas d'um homem obscuro,' devidas á penna philosophica do Sr. A. Herculano, e que, opportunamente, espero eu, serão continuadas: todos os mais são da *Parte-litteraria*. As VIAGENS NA MINHA TERRA, espirituosa excentricidade-litteraria do estimado auctor de *D. Branca*, estão quasi a terminar; mas ha bem fundadas razões para esperar do distincto escriptor a continuação d'outra interessante obra sua, ja incetada no V volume da REVISTA — *Da poesia popular em Portugal*, e ainda differentes producções mais da sua elegante penna. Os artigos sôbre *a origem dos Tributos*, do zeloso archeologo o Sr. Sena Freitas, interrompidos por causa d'uma sua viagem litteraria ao Algarve, serão em tempo concluidos, segundo sua promessa, para o que parece faltarem apenas trez. Os outros sôbre o *Pariato*, louvavel e erudita investigação historica do Sr. C. A. da Costa, terminarão tambem em breve, talvez com quatro artigos mais. O romance nacional do Sr. Pereira da Cunha — *Os quatro irmãos*, foi interrompido, desgraçadamente, por uma grave infermidade d'aquelle estimavel joven poeta, escriptor ja muito illustre. Os outros artigos da Redacção sôbre theatros, serão em occasião opportuna concluidos.

A REVISTA tem dado conta, por este modo, do seu *passado*. Do seu *futuro* nada se dirá além da certeza de que não será inferior áquelle, e de que esforços permanentes se fazem para que lhe seja superior.

Pelo que respeita á sua administração material — parte muito mais importante do que á primeira vista parece — talvez que nenhum outro dos nossos jornaes dê mais seguro abono de regularidade e outras garantias indispensaveis ao bom credito d'uma empresa d'esta natureza. Por este lado estou certo de que nada mais ha a desejar.

Muito de proposito não quero dizer nada aos praguentos e difficeis de contentar; que certo estou eu de que a REVISTA d'uns e outros hade ter. É condição humana de não haver ninguem que possa contentar a todos: sempre se exige mais do que se póde dar, e mesmo do que razoavelmente ha direito a esperar ou exigir:

> O mundo ralha de tudo
> Tenha ou não tenha razão.

E tambem não quero *contar historia* nenhuma *em prova d'esta asserção*, como fez o nosso Pimentel Maldonado; porque o mundo bem se conhece, e sabe que é assim, sem que sejá necessario que se lhe contem historias para lh'o provar.

Por último: A modestia é uma virtude que hoje não está muito em moda;

> L'amour-propre est, hélas! le plus sot des amours.

Será; mas eu bem podia agora fazer como muitos outros, mormente tractando dos ralhadores, concluindo com alguma phrase bonita que vista depois em *lettra-redonda* me podesse consolar, a mim proprio, da *impertinencia* d'elles.

Todavia não fazendo tanto, sempre farei alguma coisa, dizendo, com um jornal francez: « Um quer so alimento á sua curiosidade, outro so factos para a sua memoria, este so materias para os seus estudos, aquelle so diversão para os seus trabalhos, est'outro so distracção para a sua ociosidade... e por fim vem a mulher elegante que quer apenas *modas* e romances... Que farei pois? O que tenho feito até aqui. Se isso os não satisfaz, tambem não me parece que elles sejam capazes de o fazer melhor. »

SUMMARIO.

CONHECIMENTOS-UTEIS: Caminhos-de-ferro em Portugal — Banco-de-Lisboa — Novos esclarecimentos sôbre a venturina — Convem mais á Companhia das Lezirias crear gados antes, do que produzir cereaes? — Influencia das fruições materiaes sôbre a moralidade do povo *(continuação)*. PARTE-LITTERARIA: O Romanceiro-portuguez *(Critica-litteraria)* — Portugal *[Poesia]*. VARIEDADES: O mez de junho — Correio-Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

CAMINHOS DE FERRO EM PORTUGAL.

606 Um ingenheiro da Companhia das Obras-publicas, o sr. José Luiz Victor Du Pré, acaba de apresentar á direcção d'aquella Companhia um relatorio 'sôbre a direcção que mais convirá dar ao caminho-de-ferro que hade ir das margens do Tejo á fronteira de Hispanha.'

A Companhia das Obras-publicas tinha-se obrigado á construcção d'este caminho-de-ferro.

Ora, tendo o govêrno recebido propostas de varias companhias extrangeiras com este mesmo fim da construcção de vias-ferreas em Portugal, e sendo, ao que parece, alguma d'essas propostas vantajosa e de confiança, eu não sei se melhor conviria á companhia sollicitar libertar-se d'aquelle encargo, applicando os seus capitaes para outros melhoramentos, principalmente de portos e communicações fluviaes, coisa em que ninguem falla mas que, julgo eu, é de superior urgencia e muita facilidade pela natureza do nosso solo e topographia de nossas terras de maior movimento commercial. E a não provir essa sollicitação da Companhia, creio que mesmo ao govêrno seria conveniente dispensal-a de tal encargo; porque sendo certo que em Portugal são escusados dois ou mais carris-de-ferro que o coadunem á Hispanha, o govêrno deve innegavelmente preferir a construcção do que houver de se fazer segundo as vantagens que lhe offereçam as empresas constructoras; e, parece-me, que a construcção executada por conta da Companhia das Obras-publicas, além de mais morosa será prejudicial ao Estado pela natureza do contracto entre ambos celebrados; porque o thesoiro-publico virá realmente a dispender a somma consummida n'essa construcção, pagando ainda o juro de seis por cento pela mora, quando, aliás, sendo ella executada por alguma das empresas particulares, o estado nada tem a desimbolsar, e o paiz gozará em menos tempo dos beneficios da communicação accelerada.

Na nossa situação financeira não podem entrar em calculo os mesquinhos interesses d'um terço do producto, liquido das despezas de conservação, dos direitos de transito, que durante noventa e nove annos o Estado apenas perceberá, segundo o contracto celebrado com a Companhia. Dos tres systemas, experimentados em outros paizes, da construcção de vias-ferreas por empresas, pelo Estado, e por ambos promiscuamente, acho que os ultimos dois não podem ser ensaiados entre nós tam cedo, ou talvez nunca, e de modo nenhum n'esta primeira tentativa.

Figura-se-me pois, que, na presença d'outras propostas, não poderá entrar em dúvida a inconveniencia da construcção do carril-de-ferro projectado pela Companhia das Obras-publicas; e que por utilidade d'ella e do Estado, melhor sería encarregar essa construcção a alguma das empresas que a sollicitam, se ellas offerecem como parece, a necessaria garantia d'execução.

Deixando porém ésta questão previa, suscitada naturalmente pela materia, tornarei ao relatorio do Sr. Du Pré. Este escripto do illustre prático, é, em geral, excellente, e ninguem contestará que elle provou concludentemente o absurdo e êrro de levar um carril-de-ferro d'Aldea-Gallega a Badajoz, directo e inflexivel como um juizo de Plutão. Quando o Sr. Du Pré insiste nas vantagens para Portugal do estabelecimento das vias-ferreas, bem se vê que o faz de convicção e como habil apreciador d'estas coisas.

Não posso resistir aos desejos de transcrever alguns paragraphos d'este relatorio, em que seu illustre auctor confirma com seus conhecimentos especiaes, e com a auctoridade do seu nome, quanto eu a este mesmo respeito disse ha quasi dois annos no 'Diario-do-Governo,' e tenho escripto tambem depois nas columnas da REVISTA:

« Ainda que ninguem duvide da utilidade de uma grande via de communicação que ligue Lisboa com Madrid, e, conseguintemente com o resto da Europa, parece-me, todavia, opportuno demonstrar até que ponto poderá chegar essa utilidade, e quanto importa, no actual estado de cousas, promover a sua construcção. O mais pequeno exame da presente situação de Portugal, na parte relativa a vias de communicação, prova que actualmente este reino so tem relações com as demais partes da Europa pela via maritima, e que as proprias relações interiores são tão difficeis que as suas principaes cidades — Lisboa e Porto — se communicam, o mais das vezes, por mar, apesar dos transtornos, irregularidade e perigos inseparaveis d'esta via. Lisboa não se tem ressentido muito d'este estado de cousas; porque circumstancias peculiares concorreram largo tempo para ser esta cidade uma das mais commerciantes do mundo, em virtude da sua posição vantajosa, do seu porto magnifi-

co etc.; mas essa situação tem sido muito nociva ao interior do reino, onde o commercio, a industria e a agricultura não podem prosperar pela impossibilidade absoluta que ha, em muitos logares, de transportar, convenientemente, as producções do solo, as materias primeiras, e os productos das fabricas. A mesma situação tem obstado á exploração das minas, apesar de ser muito provavel que n'este ramo tenha Portugal muitas riquezas. Estas verdades são incontestaveis, e estão hoje ao alcance de todos.

Havendo tão grande falta de communicações não so com o exterior, mas até no interior do paiz, cumpre remediar este mal, estabelecendo uma grande via de communicação com a Europa, e ligando-a, por meio de ramificações, com as principaes povoações do reino. Para o bom acerto é preciso que se chegue a estes dous resultados ao mesmo tempo; porque, ao passo que podem apresentar um todo completo e satisfatorio sendo concebidos simultaneamente, tomados em separado ficaria cada um d'elles incompleto e defficiente. Na verdade, por vantajoso que se supponha um bom systema de communicações interiores, é evidente que por si so deixaria Portugal separado da Europa pela via de terra; e, ao contrario, por mais util que fosse uma grande communicação entre Lisboa e a Europa, seria esteril para o paiz se todos os centros de população, e os focos commerciaes e industriaes não estivessem ligados a essa grande linha.

É, portanto, indispensavel que éstas duas ideas corram a par uma da outra. Devem-se estabelecer ao mesmo tempo communicações internas que estejam em contacto com a grande linha a que poderemos dar o nome de europea. D'esta mesma necessidade, de ter sempre em consideração os interesses de todo o reino, resulta um grande numero de questões quanto á direcção que convém dar á grande linha de communicação — quanto ao ponto da fronteira que ella deve tomar — quanto aos interesses do reino que mais se devem proteger — e quanto aos principios que devem prevalecer na escolha da mesma linha. »

. . . .

« Não é possivel calcular os vantajosos resultados que o caminho-de-ferro deve dar para o porvir d'este reino, nem tão pouco prevêr as consideraveis mudanças que elle tem de operar. Este caminho fará diminuir as distancias, e baixará o preço dos transportes, actualmente tão subido por ser feito com cavalgaduras, ou em carros de grande pêso, puchados vagarosamente por bois. Offerecerá com todas as estações, e com todos os tempos, um meio de communicação seguro, commodo, prompto e facil. Favorecerá o movimento industrial, que de ha muitos annos se tem desenvolvido. Protegerá a agricultura que, de per si so, póde vir a ser um manancial de riqueza para o paiz. O commercio de exportação de cereaes e gados poderá, emfim, generalizar-se quando so poucas horas de caminho separarem o mar dos logares da producção. As pescarias, que ja são objecto de muita importancia, hãode prosperar mais, logo que se poderem mandar os seus productos frescos para as terras mais distantes do littoral, como Beira, nascente do Alemtejo e Estremadura Hispanhola.

« Convém notar, que tem sido sempre excedidas todas as conjecturas ácerca do movimento de viajantes e mercadorias nos caminhos-de-ferro; e que depois do estabelecimento do caminho de-ferro, que vai de Antuerpia a Bruxellas, o numero de viajantes passou a ser dezoito vezes maior, com quanto fosse grande a anterior circulação que havia entre as duas cidades.

« Assegura-se, como facto, que não ha actualmente movimento em Portugal; mas d'esse facto so se poderá concluir que se não ha movimento é porque ninguem se póde mover. Para não cahir em erro n'este ponto, é necessario ter em lembrança que o grande movimento dos viajantes e mercadorias nos Estados-Unidos, em Inglaterra e na Belgica é *moderno*; e que estes paizes são os que tem movimento mais consideravel.

« Antes do estabelecimento dos barcos de vapor, de certo que não existia na America do Norte este movimento; e foi so no anno de 1826 que se deu começo á immensa *rede* de caminhos de ferro que corta aquelle estado. Em Inglaterra so se construiram caminhos-de-ferro em grande escala depois de 1824; e na Belgica, que é actualmente cruzada por milhares de viajantes, só começaram estes caminhos em 1834.

« O caminho-de-ferro, encarado pelo lado militar, deverá ser de manifesta utilidade para a defeza do paiz, attenta a celeridade que se poderá dar ao transporte de tropas e munições; e as praças de Estremoz e Elvas, sob cujas fortificações elle tem de passar, estão no caso de o dominar completamente em tempo de guerra. Pelo lado da politica, ninguem deixará de confessar que facilitaria consideravelmente a acção administrativa do governo; porque diminuiria as distancias que separam as capitaes dos districtos da capital do reino. »

Ora, pelo que respeita á directriz do carril que de Lisboa deve conduzir a Hispanha, principal objecto d'este artigo, reprovada a linha de Aldea-Gallega a Badajoz, adopta o Sr. Du Pré uma que partisse de Lisboa (do sitio do caes-dos-soldados) pelo norte do Tejo até á Barquinha, ahi cortaria o rio e seguiria por Aviz, Estremoz e Elvas até á raia.

As razões de preferencia d'esta sobre a primeira linha são incontestaveis, e salvas algumas inexactidões de conheeimentos locaes, o Sr. Du Pré discorre victoriosamente a este respeito. Éstas vantagens relativas, comtudo, não são para se pôr apar d'outras que apresentaria uma directriz que vou lembrar, apezar de leigo, technologicamente fallando; porque eu não sei as difficuldades que haveria no terreno por onde essa linha teria a passar, nem a natureza das obras d'arte, expropriações etc., que elle demanda; é porém indubitavel que a linha que eu proponho indemnizará com uzura do seu maior dispendio, e do pouco mais tempo de demora no transito para entrar em Hispanha. Ésta linha iria de Lisboa a Cintra, Torres, ás Caldas, a Coimbra, e

pontos intermedios, e d'esta última cidade cortaria direita a Castello-branco.

Ésta linha abrangeria em toda a sua extensão os districtos de maior movimento e commercio internacional. Todos sabem a frequencia que ha entre Lisboa, Bemfica, Bellas, Cintra, Collares, Caldas e Coimbra. Todos sabem a abundancia de fructas e outros generos que concorrem ao mercado da capital, vindos da varzea de Collares, de Torres, e d'Alcobaça. Pelo que respeita á parte do carril que cortaria a Beira, sabe-se que so ésta porção do paiz apresenta quasi o terço da recovagem de todo elle. A fertilidade do districto de Castello-Branco é immensa. Demais, a linha assim affastada do Tejo não prejudicaria o movimento do rio, porque melhorada a navegação d'este ella o continuará satisfatoriamente. Ainda, pelo que toca a acceleração, entrando ésta linha em Hispanha por Alcantara, com mais alguma brevidade iria a Madrid que por Badajoz: e não me parece que ésta directriz devesse encontrar grandes difficuldades por parte da Hispanha, porque demais a mais o terreno facilitaria muito a construcção se, porventura, a linha-ferrea acompanhasse sempre a margem direita do Tejo.

Ora, ésta linha que proponho, com dois ramaes, de Coimbra ao Porto e de Castello-Branco ao Algarve, completaria, em quanto a mim, a rede de carris-de-ferro porventura sufficientes a Portugal.

Não me demorarei hoje mais n'este assumpto, que me parece *agora* inopportuno; mas reservo-me a tractal-o com mais reflexão.

O BANCO DE LISBOA.

607 A grave situação politica em que o paiz todo appareceu collocado, reflectiu, como sempre acontece e em toda a parte, nos papeis de credito, companhias e mercado. Uma afluencia de notas sempre crescente concorreu ao Banco, e este estabelecimento correspondeu em quanto pôde á troca d'ellas. Grande quantidade de numerario sahiu da sua thesouraria. Todos sabem hoje que os estabelecimentos d'esta natureza fazem uma multiplicidade de transacções d'onde lhes provém avultados lucros, mas que todavia lhes distrahem o metal que é substituido, então, por outros valores. Era natural que o Banco estivesse n'esse caso. A direcção representou ao govêrno, e o govêrno ordenou: que era concedida a suspensão do pagamento geral das notas por tres mezes, á contar de 23 do corrente; que n'este praso as notas fossem recebidas como metal no pagamento de todas as rendas públicas e transacções de particulares, exceptuando as lettras entre as praças extrangeiras; e incumbiu o Thesouro-público da fiscalisação d'este decreto.

Ésta providencia reclamada pelo imperio das circumstancias, foi recebida sem pannico pelo bom senso publico. O Banco tem pago, e irá progressivamente augmentando o pagamento de suas notas, á proporção da moeda que vai apurando para satisfaser estes pagamentos. De resto a direcção do Banco merece confiança; e o credito d'este estabelecimento não póde soffrer a menor quebra uma vez que elle possue valores *mais que duplicadamente superiores a todo o seu debito.*

NOVOS ESCLARECIMENTOS SOBRE A VENTURINA.

608 Em seu n.º 44 (vol V.) publicou a REVISTA o processo para fabricação da venturina artificial: agora publicará o que no *Technologiste* de maio último se encontra sôbre um novo processo de Hautefeuille, que foi apresentado á academia das sciencias de Paris, e ao qual se fazem elogios. A nota do processo ia acompanhada de cinco amostras cuja dureza e brilho, diz-se, nada deixavam a desejar.

PROCESSOS.

A venturina de Veneza.

Silice	6260
Cal	5..
Protoxido de cobre	.0
Peroxido de ferro	5.0
Soda	21.4
	100.0

Outra.

Silice	63.0
Cal	5.0
Deutoxido de cobre	5.0
Peroxido	5.0
Soda	22.0
	100.0

Processo Hautefeuille.

Silice	58.0
Cal	5.0
Deutoxido de cobre	5.7
Peroxido de ferro	9.0
Soda	22.3
	100.0

CONVEM MAIS Á COMPANHIA DAS LEZIRIAS CREAR GADOS ANTES, DO QUE PRODUZIR CEREAES?

609 N'outro número da REVISTA fallou-se da con-

veniencia, que virá á Companhia das Lezirias em preferir a multiplicação de gados em suas terras, á cultura de cereaes.

Em todos os paizes a maior parte dos homens são destinados a ignorar muitas coisas, o que não é um mal, porque se pertendessem occupar a memoria somente com o que se deve aprender, consummiriam n'isso toda a vida, e não restaria tempo, nem faculdades para a vida activa, que é necessaria, quando se deseja conseguir a satisfação das necessidades. O que um ignora, o outro sabe. Pode-se supprir os conhecimentos, que não se possuem. Mas a instrucção que não póde substituir-se é a que nós devemos procurar, aquella a que todo o homem póde chegar, isto é, a de possuir ideas justas das coisas, de que nos devemos occupar. As falsas ideas são um mal positivo, porque ellas conduzem a medidas falsas; e taes serão as da direcção da Companhia, se ésta e seus socios não intenderem o que lhes convem fazer em suas terras.

Os conhecimentos scientificos passam d'um paiz a outro mais facilmente, do que as qualidades, que são necessarias aos bons emprehendedores. As qualidades, que devem ter são mais pessoaes, para assim dizer, e se transmittem mais difficilmente d'um individuo a outro. Uma pessoa hábil, que possua juizo claro e seguro, não o poderá transmittir a outra, que o não tenha; ao mesmo tempo que, póde dar-se instrucção a uma, que não seja instruida. Os emprehendedores são ciosos dos processos, que elles conhecem; os sabios, mais liberaes, communicam mais voluntariamente, o que sabem; as luzes que elles espalham com suas licções e livros, servem á sua fortuna e reputação. É d'esta maneira que as ideas scientificas se propagam d'um paiz a outro; mas não succede o mesmo aos talentos, e emprehendedores de industria. Quando as classes são menos instruidas, mais aferradas são ás suas rotinas, por mais insensatas que sejam. Um proprietario instruido nos afolhamentos ou successões de cultura não persuade facilmente os seus rendeiros que devem abandonar o systema de deixar as terras de pousio, e de multiplicar os animaes. Ha em cada paiz e em cada provincia, characteres nacionaes, que são umas vezes favoraveis outras vezes contrarios aos desenvolvimentos da industria.

No estado de ignorancia em que se acham a maior parte de nossos agricultores, o nenhum cuidado em os instruir, na impossibilidade em que a maior parte d'elles se acha de instaurar novidades e experiencias custosas, é a uma grande companhia d'agricultura como a das Lezirias, que compete dar o primeiro desenvolvimento á industria agricula de nosso paiz de sorte, que se façam sensiveis os seus beneficios, e transmissiveis os grandes conhecimentos praticos, que pelos resultados, convençam e decidam os immensos lavradores das margens do Tejo a dar nova direcção a seus trabalhos, e d'estes resultem maiores vantagens e proveitos.

Nós faremos bem sentir, que não são as muitas sciencias ensinadas em Portugal, que nos devem trazer a prosperidade, mas principalmente ésta nos virá das artes uteis; as generalidades de nada servem, em nosso atrazamento devemos querer especialidades. É indispensavel já todo o homem possuir os conhecimentos especiaes que exige a sua profissão. Mas estes conhecimentos especiaes não bastam: são apenas rotina cega, quando se não ligam ao fim proposto, e aos meios de que se póde dispor. Nós não somos chamados a exercer nossas industrias n'um deserto: nós as exercitâmos no seio da sociedade, e para uso dos homens; é portanto necessario estudar a economia da sociedade, em que vivemos, o que não custará aos directores e socios da Companhia tanto trabalho ou fadiga, como alguem supporá. O estado de nossa sociedade desenvolveu ha annos a ésta parte interesses, que se confundem, outros que se cruzam, da mesma sorte que ha na chimica substancias que se combinam e outras que se neutralisam. Para bem conhecer este jogo, é necessario que a Companhia conheça todos os elementos de que a sociedade se compõe, os resultados das combinações, que entretenha repetidas discussões entre os socios, que ouça os peritos, e intendidos na sciencia d'economia, e na agricultura. Não sejamos rotineiros, ou como diz um homem chistoso e de graça — Para as associações e governos dizerem: venham mais prestações e mais dinheiro, não é necessario possuir muitos conhecimentos de sciencias e artes, podiam até queimar-se as livrarias, fazendo o que praticou Omar II, que não queria mais livro algum do que o Alcorão — Éstas ideas da sciencia da economia não podem deixar de estar sempre presentes, afim de animar os nossos emprehendedores a formar juizos exatos do que emprehenderem, dar-se á indagação dos factos, e apreciação das coisas que entram nas industrias, ou fazem parte d'ellas, cujas indagações estando quasi sempre ao alcanse de todas as intelligencias, e custando pouco trabalho, so por desleixo e incuria se não indagam.

N'outros artigos appresentamos algumas considerações sôbre os inconvenientes, que devem resultar á Companhia de cultivar antes cereaes do que crear gados e manufacturar manteiga. Ainda amplificaremos o que pertencia ao artigo anterior, para demonstrar as vantagens de substituir a creação de gados.

A companhia possue as suas grandes propriedades no centro de grandes povoações agriculas, e nas margens d'um rio, que facilita o transporte dos cereaes á capital, unica povoação a quem a companhia poderá vender com vantagem, porque aberta a passagem dos cereaes de Hispanha pelo Douro, não espere a companhia que os seus possam ser com vantagem vendidos para Inglaterra, cuja esperança suppomos ser calculada por alguns proprietarios, mas que será falsa, porque os nossos não podem competir com os de Hispanha. Esta consideração juncta a outras, que fizemos n'outro artigo d'este jornal devem indicar á companhia a apreciação que ella está forçada a fazer do commercio interno e externo, afim de vender os seus cereaes. Parece-nos que além das grandes despezas na cultura dos cereaes, deverá luctar na venda d'elles com os nossos lavradores, e com os do extrangeiro.

Lembraremos finalmente para complemento d'esta demonstração, que a companhia, se continuar a grande cultura de cereaes por sua conta, hade gastar no fabrico das terras, em utensilios e agencias, sempre as mesmas sommas, com pequenas differenças, ou os annos sejam prosperos, escassos, ou estereis. O commercio extrangeiro, as pensões que pagâmos a militares inglezes, os dividendos dos juros de nossas dividas, que em poucos annos chegarão a dous mil contos, pagos na praça de Londres, e talvez algum tractado de commercio, que esteja proximo, devem ex-

trahir tanto dinheiro de Portugal, que necessariamente fará baixar os preços de todas as coisas e por conseguinte dos cereaes. E é esta consequencia tão necessaria, que nenhumas forças poderão desviar. Nem pense alguem que isto é theoria e affirmativa vaga: citaremos precedente, que fica registrado n'este jornal, para servir á historia da economia politica do nosso paiz. Todos sabem, que em 1814, quando acabou a guerra, ficou tanto dinheiro em Portugal, que todos os productos da agricultura, e principalmente os cereaes se vendiam por muito dinheiro, por exemplo o alqueire de milho a 960 e 1000 réis, e o trigo a 1800 e 2000 réis. Do anno de 1814 foram diminuindo os preços dos cereaes successivamente até 1820 a ponto, que n'este anno se vendeu o alqueire de milho a cento e vinte, e o de trigo a 400 e 440 réis na maior parte das terras do reino; effeito necessario de fugir da circulação para o extrangeiro sette ou oito partes do dinheiro, que circulava em 1814: bastaram seis annos, para ficar o reino em tão grande abatimento e penuria, pela fugida de quasi todo o dinheiro, que vivi ficava a sua agricultura, commercio, e artes. E reflicta-se que não haviamos soffrido ainda a restauração do absolutismo em 1823 com seus desperdicios; as guerras intestinas de 1826 e 1828, as indemnizações a tropas inglezas, que vieram auxiliar-nos, e fazer consummar pacificamente a usurpação; ainda não havia o reino soffrido as perdas enormes da guerra, e desatinos, que trouxe a usurpação; não se tinham ainda feito pagamentos ao extrangeiro de enormes sommas, que não lhe deviamos, nem pago dividendos d'enormes juros, sem diminuição do capital das dividas contrahidas; e finalmente não haviamos ainda perdido o Brazil, de que o commercio tirava recursos immensos.

Todos estes dados estatisticos nos levam á persuasão, de que o dinheiro deve em Portugal escassear tanto, continuando o estado em que nos achâmos, que em menos de seis annos a companhia pouco poderá tirar, além da despeza da lavoira, que empregar nos cereaes, porque ésta será constante, e sempre a mesma, e os preços baixarão succescivamente; virão tambem esterilidades, algumas innundações, e talvez casos fortuitos, mais damninhos que as esterilidades, e que apparecem, sem interrupção nas sociedades europeas, sem que se possa calcular nem attingir os fins de tantos transtornos na ordem social. E é o emprehendedor, e socio de lavoiras, que se acha, n'este cruel estado, mais exposto; porque occupado sempre em trabalhos, não lhe sobeja tempo para pesquizar os reconditos segredos, que produzem as tormentas, nem poderá retirar com a brevidade que lhe convem o seu dinheiro das empresas, n'um paiz em que ha tão grandes deslocações, tantas incertezas, e nenhuma esperança de quietação e ordem.

Parece-nos isto sufficiente para mover a companhia e seus directores a que abandonem a cultura de cereaes em grande escalla, e a substituam pela creação d'animaes, e em outro artigo mostraremos que d'isto lhe virá mais utilidade.

Brandão.

DA INFLUENCIA DAS FRUIÇÕES MATERIAES NA MORALIDADE DO POVO.

V

610 O amor das fruições materiaes passará com rapidez do recinto das cidades para o dos campos onde ja é presentido e esperado. Ahi é que elle tem que mudar mais seriamente a physionomia dos costumes e o character dos habitos.

A habitação do pequeno proprietario cultivador, a do fazendeiro, cedo apresentará, como primeiro melhoramento, a feliz disposição, o escrupuloso aceio do *cottage*. Os aperfeiçoamentos da industria ja teem permittido, graças á incrivel barateza da mão d'obra, a introducção d'uma verdadeira elegancia no vestuario dos mais modestos camponezes. Essas saias de baeta que trajaram duas gerações successivas, vão cedendo o logar a fazendas leves de brilhantes cores e que se renovam em cada uma das estações. Começo feliz de um bem-estar longamente esperado e merecido por seculos de privações! Seria injusto dar-mos de mão ao sentimento de satisfação que nos causa o aspecto de tal mudança. Quantos beneficios mais senão seguirão a estas immunidades devidas ao amor do bem-estar! Haverá caminhos que coadunem entre si esses grupos de casas isolados pelo campo, não mais cubertas de colmo mas de telha; o verão não as queimará mais, nem o inverno as sepultará sob a lama. Melhor cultura, melhores instituições municipaes, combinando os seus progressos, virão a fazer d'estes milhares de agregações pequenas cidades amigas, hospitaleiras, commodas, laboriosas, saudaveis como o trabalho, livres como o ar que as cerca.

Este ardor de gosar novas commodidades, não sendo sempre acompanhado dos meios que permittem poder obtel-as, principalmente apar dos desejos que esse ardor tem suscitado dentro das almas, póde receiar-se, porque tudo deve prever-se, uma lucta talvez dolorosa entre instinctos que se tornaram irresistiveis e a difficuldade extrema de lhes proporcionar completa satisfação. Aqui está a desordem na existencia. Bastará porventura duplicar a actividade para prehencher esses excessos d'ambição? Virá a inveja, na falta do bom exito, assentar-se ao lar do habitante dos campos? Se isso assim for adeus para sempre parte d'esses quadros campestres que os poetas teem pintado com certa verdade. A illusão seria para sempre impossivel. Mas para ter mão n'estas desgraças, que não seriam nunca mais que uma excepção, para affastar os maus pensamentos, para regular as esperanças, suavizar os pezares, serenar os remorsos, dar o socego, não haverá sempre porventura na extremidade da aldea, entre a egreja e o cemiterio, a casa branca sombreada pela parreira, o asylo do ancião do Senhor, o bom parocho, que tem o segredo e a cura das almas! Deveres novos, cuidados mais difficeis lhe serão impostos na presença d'essas paixões ardentes ateiadas nos corações simples. Tambem elle será do seu seculo.

VI.

Os perigos provocados pelo excesso do industrialismo, e a impaciencia de adquirir as fruições materiaes provocarão pois no centro das grandes cidades a attenção da legislação. Esta não hade ficar indifferente. Ella terá que conter as paixões cujo motor commum for a cubiça excitada, impellida aos extremos por um quadro de seducções infinitas; terá que vigiar incessantemente sobre as indoles que deixando os meios honestos para grangear uma situação feliz, applicarem com pertinacia os seus esforços contra aquelles

que virtuosamente gosarem pelo seu trabalho e intelligencia. As suas tentativas criminosas receberão novo gráu de gravidade por esta circumstancia particular, que a posse das felicidades materiaes se apresentará debaixo de uma fórma normal e nunca mais como d'antes com um character excepcional. Por outro lado convem dizer que os donos da propriedade a deffenderão com tal habilidade, vigilancia e energia, que virão d'este modo a coadjuvar admiravelmente a obra do legislador.

VII.

O estado social que temos descripto reagirá sensivelmente sobre os trabalhos do espitito humano. O pensamento vai receber a palavra d'ordem universal — *o util* — e a sciencia a tomará por guia. O tempo dos problemos meramente especulativos passou. Não se intenderá de mais nada do que sciencias de applicação, isto é, as artes, que, na verdade, crescerão e se aperfeiçoarão na razão do abatimento das sciencias propriamente ditas. A chymica representará um papel prodigioso no meio d'esta transformação social se acaso continuar a marchar peio caminho em que entrou, que não é o das descubertas unicamente scientificas. A sociedade não será ingrata para ella. Deemse os chimicos pois á investigação de processos novos capazes de accelerar o movimento da industria, e multiplicar o consummo dos seus productos que de certo hão de obter riqueza e celebridade.

Mas se alguns ramos da arte hão de viver por generosidade, haverá a certeza de que a pintura e as composições que se ligam com ella, não venham a descer a uma classe secundaria; não ficará o pintor atraz do marcineiro e do armador? As perpetuas oscillações das fortunas, e a infinita divisão da propriedade, obstarão sem dúvida a esses grandes paineis com que se ornavam outr'ora as paredes velhas da sociedade aristocratica; mas está na mão da pintura, da esculptura e da architectura, fazerem logar entre todas as difficuldades que lhes opporá a constituição dos povos modernos. Pensar que ellas hão de morrer entre esses obstaculos é esquecer o poder de transformação de que as artes são dotadas. E, de mais, com que se ha de prehencher esse vacuo da alma que o echo de um bello verso, ou o esplendor d'um grande pensamento, enchem melhor que todo o ouro da terra? O homem ha de ter sempre uma crença, um amor, uma esperança, e as artes não passarão nunca.

Seria possivel que a poesia e seus devaneios perdessem um dia a sua acção sobre as massas, cessando as palavras de guerra, de conquista e de patria, de ferir vivamente as imaginações; mas a poesia verdadeira, aquella que tem sido de todos os tempos e de todas as religiões, pagan com Virgilio, deista com Voltaire, monarchica com Racine, popular com Beranger, essa, tomará outras fórmas e recomeçará outra existencia. E quando se tiver escripto: ella é morta! foi para o céu! tornará a apparecer nova e remoçada, atraz do attrito dos carris-de-ferro, ou na próa de um barco-de-vapor, para cantar os milagres da industria. Hade achar-se um Hesíodo para celebrar as novas edades da terra, como houve um na antiguidade para celebrar as primeiras edades do céu.

Os habitos de leitura contrahidos por um povo levado a economizar o tempo, hão de permittir ainda menos que hoje, seguramente, appreciar os trabalhos da erudicção. Mas em que tempo teem elles sido mais cultivados para nos queixarmos d'este leve excedente de indifferença? Se é verdade que o espirito de commercio, absorvendo todas as horas, deve fazer mui difficil o exercicio de serias meditações, é injusto concluir d'ahi que elle seja o inimigo natural da sciencia. Pergunte-se desde quando os inglezes teem lançado nos trabalhos dos seus erudictos luz tão vasta e maravilhosa sobre os mysterios da theologia, da moral, da politica e da poesia Indiana! Não é depois que os seus navios sulcam todos os mares, todos os golphos, todos os rios da Asia? Não ha um so dos seus navios que venha de Calcutte que não traga algumas paginas arrancadas á vasta obra da antiguidade dos Hindus. Os doutos erudictos do Tamisa sabem mais que os proprios Brahmes da religião de Vichnou. A China tambem cedo nos será revelada. E a quem se deverá esta nova satisfação promettida á sciencia? Aos commerciantes de Liverpool, aos fabricantes de Manchester e Birmingham.

Uma certa litteratura soffrerá pois a influencia d'esta atmosphera industrial que ja nos cerca; e se lhe submetterá por força; porque se succedesse que os que a cultivassem se subtrahissem áquella influencia, não teriam mais direito de requerer os suffragios do maior número; e o maior número fará a lei, dará a fortuna, assegurará as fruições materiaes. As suas producções serão temporans, precipitadas, violentas. Estamos chegados ao momento de ver realizar ésta era d'anarchia parcial. Está longe o tempo em que, com grave discussão, a gente da moda se divida sôbre a questão de saber se Orosmane foi menos desgraçado, quando, depois de haver morto Zaíra, soube que ella o amava, do que antes de a ferir acreditando-a infiel.

Esta litteratura em decadencia, por se haver feito industrial, é a que corre nos jornaes quotidianos: vive um dia, diverte uma hora e não deixa rasto. Como valor, não tem mais que o d'um facto mais ou menos bem contado. Rigorosamente fallando, nem este mesmo valor ella tem; porque está privada do merito banal d'um verdadeiro fundo; muitas vezes é a invenção sem poesia, a inverisimilhança sem resultado util; emfim é a litteratura do momento e a correr.

Mas o arruido das machinas nos arrasta a voz, e domina os nossos criticos. Os que não leem senão so jornaes contentam-se com ésta litteratura, como com certa politica que lhes é distribuida todas as manhans. A politica vai cessar de ser a historia dos successos do mundo, para ser o compendio de mil incidentes que vem influir sôbre os factos economicos e fallar aos interesses de cada um. D'este modo a imprensa periodica torna-se alimento indispensavel, não tanto por causa da séria attenção que se dá á conservação das liberdades publicas, como porque ha necessidade de conhecer certos successos proprios para indicar a melhor direcção a dar aos seus projectos de fortuna.

Se passarmos dos jornaes aos theatros, veremos d'elles bannidas as composições severas, serenas em seus desinvolvimentos, onde os incidentes, empregados com sobriedade, não excitam mais que suaves e limitadas impressões. E, comeffeito, como é que as obras assim coordenadas poderiam captivar um público que precisa d'expectaculos que o arranquem vio-

lentamente á monotonia dos seus trabalhos? Oxalá que elle, em busca d'aballos ainda mais fortes, não venha a recorrer algum dia ao selvagem pugilato dos inglezes!

A musica, que falla directamente aos sentidos, que não teem que fazer esforços para a sentir e intender, a musica será a arte privilegiada, a que melhor corresponderá ás disposições d'uma sociedade arrastada ás distracções faceis. Ella ja deixa presentir, pela sua usurpação sôbre os outros estudos, o logar que hade occupar cedo. «A musica, similhante a um bello ponto de vista, dispensa o pensar;» dizia um diplomata celebre: e pensar é um excesso de fadiga intoleravel para aquelles que esgotam as suas fôrças vitaes á procura dos meios d'augmentar a sua fortuna e de firmar d'um modo immutavel o monumento das fruições materiaes.

Por analogia, os prazeres dos olhos, se nos podêmos assim exprimir, terão uma attracção invencivel. A pompa dos expectaculos excitará vivamente a curiosidade; gostarão de ver esse luxo de trajos historicos que remonta sem custo o espirito aos tempos anteriores; estudo facil, similhante áquelle que se emprega na attenção distrahida e fugitiva da infancia.

A predilecção dos americanos do Norte para uma arte que melhor corresponde ao gôsto das fruições materiaes, prova sufficientemente o bom exito que lhes está destinado entre os povos modernos. Sería coisa extravagante e que pareceria um contrasenso, se o facto social cujas consequencia estudâmoos a não fizesse explicavel e logica! Um povo grave, economico, quasi avaro, dado ao trabalho, de costumes rigidos, é o mesmo que prodigalizava a uma dançarina moça, com uma especie de phrenesi, não so o oiro mas ainda as honras publicas. Essas homenagens hyperbolicas egualaram, se é que não excederam, as que foram offerecidas, ha vinte annos, ao homem que foi recebido como o libertador, o *hospede da nação*.

Os costumes exteriores, os habitos, n'uma palavra, que são como o involtorio d'uma sociedade, recebem o character do typo que está generalizado. D'este modo, as mesmas modas, que pareceriam objecto futil, inutil d'observar, se ellas não reflectissem as tendencias que denunciâmos, as modas hão de vir dar testemunho d'esta necessidade constante de bem-estar, e da busca de tudo quanto faz commoda e elegante a vida, sem trazer comsigo a fadiga ou a magnificencia. Os trajos das diversas classes affectarão uma especie de uniformidade que a propria opulencia acceitará: tanto são inconciliaveis a pompa e o incommodo com essa egualdade que cria, que introduz a diffusão das fruições materiaes. Quasi que se póde dizer que mais facil seria fazer renascer o podêr absoluto do imperio, que a pragmatica da côrte de Napoleão, que os infeites que foram moda em 1810.

PARTE LITTERARIA.

CRITICA LITTERARIA.

O ROMANCEIRO PORTUGUEZ, ou collecção de romances de historia portugueza, compostos por *Ignacio Pizarro de M. Sarmento*.

611 Houve tempo em que a poesia, como todos os outros ramos de litteratura, não passava d'uma convenção eschollar. Não era para mais ninguem senão para as academias o intender e avaliar os seus meritos ou defeitos. Não se fallava senão de personagens desconhecidos ao vulgo, que tendo pertencido a outra edade e outro povo, que tendo vivido em tradições remotas e pertencentes a outra organização social, não podiam ser apreciados senão pelos que nos livros e no estudo tivessem achado os vestigios d'essas tradições, e os characteres d'aquella civilização.

Hoje não: é differente. A revolução universal da idea popularizou as lettras e com ellas a poesia. A fórma eschollar, a verdade relativa, desappareceu para que ella, a arte, se podesse incarnar na fórma popular na verdade absoluta. Hoje, podem todos intendel-a, que não se involve em roupagens desconhecidas. Reveste-se dos trajos nacionaes, timbra em ser chan e singella, e se de algumas gallas se infeita, é das gallas da sua terra, d'aquellas que todos conhecem, e a que todos podem avaliar a côr e o matiz.

E é esta — parece-me — a grande differença que vai da poesia actual, á poesia passada. Esta, como as leis, como as instituições, como tudo, era privilegio especial de poucos — distinguia-a a prerogativa. Aquella, seguindo a ordem de todas as reformas, tornou-se propriedade de todos — characterizou-a a egualdade.

A obra que tenho debaixo dos olhos pertence á poesia de hoje — é fórma popular. São as nossas tradições que ahi vemos, são as nossas terras, as nossas memorias, que ahi saboreamos. Não achareis aqui nem os heroes e semi-deuses da epocha grega, a quem o povo é indifferente, porque lhe não póde dar valor, nem as graças convencionaes da lyrica antiga, que a poucos abalam, porque raros a comprehendem: mas em compensação achareis uma epopea nossa, e uma lyrica nossa, mais natural para nós, mais desaffectada e lhana, e, por consequencia, infinitamente mais perceptivel.

Aquelles feitos grandes que nos fazem palpitar de admiração; aquellas glorias que nos elevam nas azas do enthusiasmo; aquelles exemplos, aquellas licções, aquillo tudo é nosso — os intendidos não o leem so com esteril admiração; devoram-no com proveitosa ufania — os rudes não escutam com indifferença; contemplam-no com amor.

Quanto a mim é este, do livro do Sr. Ignacio Pizarro, o aspecto por que mais louvor e gloria se lhe deve e lhe hade caber.

O assumpto tanto do 1.° como do 2.° vol. são as grandes acções da nossa historia ou tradição, reduzidas á fórma singella e franca da nossa poetica popular. Como se ve, o pensamento aqui sobresahe á fórma, e o pensamento não está n'este ou n'aquelle solau separado, vive no complexo do livro.

Mas se ao pensamento se póde e deve fazer elogios estremes, não acontece o mesmo, creio eu á fórma.

Se o livro do Sr. Pizarro fosse menos precioso a critica podia ser mais indulgente sem crime. Mas n'este não deve. O illustre poeta tem direito á maxima severidade, por que revella um talento eminente.

Notarei rapidamente o que me parece, que em

obras futuras d'este genero, deverá, merecer mais particular attenção. so no que respeita á fórma, ou seja d'este ou de qualquer outro auctor.

Não ha duvida que a poesia popular deve correr desaffectada e livre, amena e facil como a entidade, que se encarrega de representar; mas não exclue, quanto a mim, a elevação poetica nem o acabado da phrase. A naturalidade não é monotonia: a singellesa não exclue a variedade; a pureza das linhas, não prejudica a graciosidade dos contornos — pelo contrario. N'uma lingua tão varia, tão rica, tão abundante como a nossa, é realmente um peccado cahir no prosaismo, em presença dos infinitos recursos que ella nos offerece para ser sempre distincto sem nunca deixar de ser correcto, facil e natural. Esta união da naturalidade e distincção, é talvez — é, decerto, um dos segredos principaes que dão tão singular feitiço ás composições d'este genero: e senão que o digam as do Sr. Garret, o melhor alchimista que eu conheço para descubrir segredos d'estes.

Eu penso tambem que o pensamento deve ser chanmente expresso, é verdade. Mas a lizura e a franqueza não tem nada que vêr com a vulgaridade. — Uma idea póde ser simples e ao mesmo passo elevada. Na poesia, como em todas as coisas elevadas, não se póde soffrer o mau-gosto. Não ha nada que desoe tanto com esta fórma luxuosa d'arte como a trivialidade.

Ora, a um homem como o Sr. Ignacio Pizarro não hade ser difficil corrigir estes deffeitos que sinceramente aponto, e que provém certamente, ou de menos attenção prestada ao involtorio exterior. que n'estas coisas é muito; ou de um systhema de composição, quanto a mim, falso e exagerado.

Mendes Leal.

POESIA.

PORTUGAL.
(MAIO DE 1846.)

Dies iræ........

612 Ai! que parece no peito
Estallar-me o coração;
Hoje, que soára guerra
De morte e destruicção,
N'esta malfadada terra!
Tão mimosa da fortuna,
Protegi-a Deus outr'ora:
Gozaram os filhos d'então;
O bom filho d'hoje chora.

Chora, que se vão perdendo,
Olvidando da memoria,
Altos feitos, que, inda illustram
O livro da nossa historia.
Chora, de ver profanado
Esse relicario sancto,
Que nossas avós guardavam,
A que elles queriam tanto:
Esse claro amor da patria,
Que nome e patria nos dera;
Throno que os reis invejaram,
Poder, que o mundo temêra.
Quem antes fôra nascido
Portuguez d'aquella era!
Brado unisono echoava
De respeito universal,
Sahido d'extranhas boccas,
Em favor de Portugal.
D'um breve espaço de terra...
Ponto no globo: — mais nada;
Mas, um ponto, que era polo
Juncto d'estrella doirada.
Era luz do ceu brilhante,
Luz, que d'ella s'esparzia;
Farol de barbaros povos,
De cultos, modêlo e guia!

Quantos, que mão insolente,
Hoje sôbre nós extendem,
Submisamente pediram
Protecção, que ora nos vendem!
Démos-lhe fôrça e grandeza,
Que não tinham, que perdêmos.
Em troca, dão-nos insultos,
Contrarios que ja vencemos,
Escravos, que libertámos,
Amigos, que defendemos!
....
....
Ora vemos um sudario
Tinto de sangue innocente;
Ouvimos gritos da patria,
Oppressa, triste, gemente;
Terna mãe, que dilaceram
Golpes d'uma ingrata mão;
Mão de filho!! — golpe extremo;
Que não erra o coração.
....
....
Riccos, nobres, e plebeus,
O vencido e o vencedor,
São tudo algozes da patria,
Victimada em seu furor!
....
....
Afastae de nós Ó Deus
Os raios da vossa ira!
Uma so vista d'affecto
Sôbre a nação que delira.
Uma so gotta d'orvalho
Da vossa Graça Divina;
Uma so, por piedade,
Sôbre ésta nação mofina!
Do cahos creaste o mundo
Das trevas a luz do dia:
Convertei guerras em paz,
Tristezas em alegria.
— Dias de sangue e d'horror
Afastae d'ella Senhor!

J. da C. Caseaes

VARIEDADES.

O MEZ DE JUNHO.

613 Hoje se completa o kalendario da REVISTA. Ainda não é certo se se começará outro nas suas columnas. Mas comece ou não, o que é verdade é que o s-

gno de junho é o *caranguejo*. É um animal crustaceo de configuração muito particular, que anda para traz, tem seis pernas, muda de casca todos os annos, e de cor depois de cosido, é muito voraz, e se perde al guma perna tem a faculdade de a substituir. Ou seja por éstas qualidades singulares, ou pelo que for, é certo que o povo ve e falla d'estes animaes sempre pelo lado do ridiculo. O povo tem razão: o seu instincto nunca o ingana. A idea do desprêzo é logo suscitada pela descripção d'um ente tam extravagante. Ora, isto de *andar para traz* é com effeito d'embirração! Que se ande a pouco e pouco intendo eu — quem quer chegar depressa vai devagar — mas sempre para diante... De resto não admira que o ente que anda para traz, mude de casca todos os annos e de cor quando varia d'estado.

D'esta mesma opinião é o astrologo da **Revista**, que diz assim:

> Quem n'este signo nasceu
> Por linha recta não anda:
> P'r'alcançar o que pertende
> Gyra, trapaça, desanda.

Como se ve, este signo parece ser o dos namorados, diplomatas, advogados, e homens-politicos; mas sôbre tudo das senhoras.

Tem junho 30 dias: e crescem elles até ao dia 24 mais 10 minutos 4 de manhan e 6 de tarde. O seu maior dia é o 24, que tem 14 e $\frac{3}{4}$ horas de sol, porque este nasce então ás 4 h. e 36 m. e põe-se ás 7 h. e 27 m. A sua lua começa no dia 23 e acaba a 21 de julho.

Os trabalhos agriculas d'este mez quasi todos são d'horticultura.

Era n'este mez que se fazia na Grecia o famoso sacrificio das hecatombas em que se matavam nem menos de cem bois; ainda assim, não são tantos quantos os que morrem annualmente na Hispanha nos celebres combates, menos ferozes mas tambem usados no nosso Portugal. Havia tambem a festa da hyppodromia, ou carreiras de cavallos, que a Inglaterra, a França, e agora a Hispanha, teem imitado, *sui generis*, para estimulo das raças e caudelarias. Ca é que não ha ver d'estas coisas uteis que se fazem la por fóra; as que não prestam, ou são más, ou ridiculas, essas, desgraçadamente, importam-se logo. Os jogos olympicos eram tambem em junho; e havia mais a festa de Saturno, a de Theseu, e as grandes panathaneas, que eram esplendidas, e a que concorria a Grecia em pêso a Athenas.

Em Roma não havia mãos a medir. Logo no primeiro dia do mez se faziam nem menos de quatro festas; depois vinham as festas de Bellona e de Hercules, e a do deus *Fidius*, que ainda que nós os modernos fossemos pagãos, não apanhava de nós em sua honra — nem a luz d'uma lampatina. Havia tambem os fogos piscatorios, a festa á deusa da intelligencia, no capitolio, e a de Vesta, particular ás vestaes. E mais a da deusa Matuta, a da Fortuna, a da Concordia, a de Jupiter, a de Minerva (cada um d'estes com sua alcunha) a do templo de Pallas, a de Summanus, a das musas etc. Se as quizesse mencionar todas não acabaria nunca; ha porém uma que ainda quero dizer, com alguma vergonha é verdade, mas la vai. A 17 das kalendas de julho, que vem a ser 15 de junho, transportava-se do templo de Vesta para o Tibre... O quê? As immundicias... Pois ésta *ceremonia* dava occasião a uma festa! E a philosophia de Cicero, a de Seneca, a de Lucrecio, a ver isto, coberta com a purpura dos consules, ou deixando-se esvair as veias, ou debaixo dos andrajos de poeta!... Bons tempos eram aquelles!

EPHEMERIDES.

7, Terramoto em Lisboa (1575) — 13, Pazes entre Portugal e a Inglaterra (1642) — 15, Sahe de Lisboa uma armada de 30 naus em soccorro de Veneza contra os turcos (1500) — 17, Victoria de Montes-Claros (1665) — 19, É acclamado rei em Santarem D. Antonio, prior do Crato (1580) — 21, Fundação do mosteiro de Tarouca (1122) — 29, Entrada em Lisboa de D. Philippe II d'Hispanha como rei de Portugal (1581).

CORREIO EXTRANGEIRO.

614 No anno de 1589 o número das obras publicadas n'Allemanha era apenas de 362. Em 1617, de 371. Em 1717, de 558. D'ahi a 72 annos, em 1789, este número augmentou prodigiosamente a 2,115. Em 1831, chegou a 6,389. Em 1840, a 9,776. Finalmente em 1844, foi de 11,000.

Os direitos d'importação em França renderam no 1.° trimestre do corrente anno 36,221,037 francos. No 1.° trimestre de 1845 o rendimento fôra de 34,472,442 francos e no de 1844 — 33,952,250 fr.

A sociedade nacional britanica de salvação, referindo-se aos documentos mais authenticos, avalia o número de navios inglezes naufragados em 600 por anno as perdas em 2 milhões $\frac{1}{2}$ sterlinos (10.000.000$000 rs.) e o numero de pessoas que perdem a vida em 1,560.

O rei da Prussia fez presente á Universidade real de Athenas de todos os livros duplicados que existiam nas bibliothecas das universidades prussianas. Estes duplicados consistem em 1,432 obras formando 5,658 volumes, não comprehendendo muitos milhares de brochuras, entre as quaes se acham as collecções completas dos programmas das festas das universidades prussianas, O numero de volumes que possue a bibliotheca da universidade de Athenas monta hoje a perto de 120,000.

Um tal Lecomte, empregado na qualidade de guarda do parque real de Fontainebleau, atirou, a 16 do passado, um tiro sôbre o rei dos francezes, encoberto detraz d'um muro. Um moço d'estribeira saltou ao muro e póde prender o criminoso. A camara dos pares formada em tribunal de justiça conhecerá do facto nos primeiros dias de junho.

O sultão ordenou que a bibliotheca do serralho fosse franca aos extrangeiros, e que se estabelecesse em Constantinopla um museu egualmente franco a todas as pessoas instruidas e amantes das artes e sciencias.

Fez-se ultimamente em Gibraltar uma descuberta

muito extraordinaria. O primeiro magistrado tinha mandado fazer algumas obras em sua casa, quando os trabalhadores que ahi estavam descobriram uma escavação que se prolongava por baixo da terra. Desceram e encontraram um vasto subterraneo, com as paredes todas brancas de stalactites que as faziam parecer ornadas de diamantes, no centro estava um esqueleto humano prêso á rocha e aopé d'elle a ossada de um cão, ambos petrificados. Suppõe-se pela posição do corpo, que fosse algum prisioneiro a quem deixassem morrer de fome com o seu companheiro.

O celebre barão A. de Humboldt foi nomeado doutor em philosophia pela universidade de Erlangen (Bavara). É esta a 19.ª honra de similhante qualidade que este sabio, a quem Schlegel chamava o circumnavegador das sciencias, tem recebido de differentes universidades. O número de condecorações com que diversos soberanos o tem honrado é ainda muito maior.

Segundo o «Annuario de economia politica para o anno de 1846» tem a França 242 barcos de vapor; os quaes são empregados: 111 em transportar passageiros e mercadorias; 78 em transportar unicamente passageiros; 42 em rebocar navios; 4 em rebocar navios e conduzir passageiros; e 7 em rebocar navios e conduzir passageiros e mercadorias.

O numero de allemães em Paris anda por 80,000 sendo d'estes perto de 50.000 operarios.

Caminho de ferro de Saint' Etienne. — A companhia acaba de publicar o relatorio do movimento do anno 1845. — Foram transportados n'esse anno 733 809 tonnelladas de mercadorias (87.856 mais do que em 1844); o número de viajantes foi de 581.780 (3.495 mais do que em 1844) e o rendimento bruto foi de 4,647,539 fr. (428,044 fr. mais que no último anno).

O governo napolitano mandou construir cinco barcos-a-vapor, para estabelecer uma communicação mais prompta entre Napoles, e as cidades do littoral siciliano; egualmente uma companhia napolitana vai estabelecer, no proximo mez uma linha de vapores entre Napoles e Marselha.

CORREIO NACIONAL.

615 Em consequencia da grave situação politica do paiz, acham-se interrompidos os espectaculos na capital. Ainda mesmo quando não fôra tam ponderoso o motivo, o facto so de per si faria pena, porque se preparavam noites muito divertidas: e não eram so noites, eram as tardes tambem, porque os touros do Sr. Doux ja teriam apparecido no campo-de-Sanct' Anna.

O Gran-duque Constantino, filho do imperador da Russia, com tres navios de guerra entrou no Tejo no dia 23 do corrente. Tendo sido visitado abordo por elrei, e havendo retribuido esta visita e comprimentado S. M. a Rainha, sahiu a barra no dia 26 de tarde.

No dia 24 chegou paquete d'Inglaterra com noticias até 17. Discutia-se pela terceira e última vez na camara dos commus, o plano economico-financeiro de Peel. As medidas sôbre os cereaes tinham ficado approvadas por uma grande maioria. Os fundos portuguezes ficavam a 57½.

Por decreto de 22 do corrente se ordenou que ficassem sem effeito as disposições da Carta de Lei de 19 d'abril de 1845 que estabeleceu as contribuições directas de repartição; ficando restabelecida a legislação anterior sobre decima e demais impostos.

Por decreto de 21 do corrente foi suspenso em todas as suas disposições o decreto de 26 de novembro de 1845, que reorganizou a repartição de saude-pública, ficando em vigor a legislação antecedente.

O numero total das embarcações de cabotagem que entram annualmente em todos os portos do reino e ilhas adjacentes, póde calcular-se em 6,917, o dos navios de longo curso em 2,245, o das suas tonnelladas em 357,911, e o dos navios que entram annualmente em Lisboa em 900 e o termo medio das tonnelladas de cada navio em 150.

Ensaia-se no Theatro do Gymnasio um drama original, '*O juramento*,' e a farça '*O leque*.'

A nossa marinha de guerra conta 231 officiaes:

Vice-almirante	1
Chefe-d'esquadra	1
Ditto graduado	1
Chefe-de-divisão	1
Dittos graduados	4
Ditto supranumerarios	2
Capitães de-mar-e-guerra	6
Dittos Superanumerarios	2
Dittos graduados	4
Capitão-de-fragata	15
Capitães-tenentes	24
Dittos supranumerarios	3
1.os Tenentes	45
Dittos supranumerarios	3
2.os Tenentes	96
Dittos graduados	18
Pilotos d'armada	5
	231

Nos fins do seculo passado contava ella:

Almirante	1
Vices-almirantes	3
Chefes d'Esquadra	5
Dittos graduados	8
Chefes-de-divisão	17
Capitães de mar e guerra	31
Capitães de fragata	29
Capitães-tenentes	71
	165

O que vem a dar dois e meio mais do que actualmente.